

O OLHAR: PARTE 2 DO DIÁRIO DE CAMPO DA VISITA À VILA NOVA

JAGUARÉ

Rodolfo Luis Almeida Maia

Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Nº USP: 6827708

São Paulo, 21 de janeiro de 2015

O relato a seguir diz respeito à segunda parte do estágio realizado na comunidade da Vila Nova Jaguaré. A segunda visita foi realizada no dia 17 de janeiro de 2014 na casa de Ana (nome fictício). Natural da Bahia, ela possui dois filhos de 8 e 6 anos e viva na Vila Nova Jaguaré desde 2000. Além de mim, estava presente outro estudante do curso de psicologia, José Barbosa. Ao todo, a visita durou mais de 3 horas, fornecendo muito material. O que será relatado abaixo é um relato etnográfico sobre minha impressão acerca do local e da conversa que realizamos com a Ana.

O PRIMEIRO CONTATO E O ENCONTRO

O primeiro contato foi realizado por telefone. Eu mesmo liguei para Ana, que foi solícita e afetuosa desde a primeira ligação, inclusive se oferecendo para ir nos encontrar próximos à Comunidade Paróquia São José, igreja localizada em uma rua que separa a comunidade do bairro vizinho. Ela afirmou que, durante as próximas semanas estaria de férias e poderia nos receber a qualquer dia. Decidimos, então, nos encontrar dois dias depois no período da tarde.

Ao telefone, tive a sensação de que Ana pareceria uma pessoa muito extrovertida. Sensação esta que foi confirmada ao nos encontrarmos com ela dois dias depois da ligação, no horário marcado.

Eu me encontrei com o José na minha casa, localizada no bairro do Jardim São Remo, local relativamente próximo de onde iríamos. Decidimos, então, ir a pé e, no caminho, paramos para comprar um bolo para levarmos para Ana. Os termômetros na rua marcavam 37º configurando o dia mais quente do ano.

Ao chegarmos próximos à igreja, notamos que era um lugar de muita movimentação. Algumas barracas localizadas na calçada vendiam frutas. Ficamos aguardando alguns minutos até que Ana apareceu. Do outro lado da rua, ela gritou: *“Alunos da USP! São vocês?”*.

Ao me virar, vi que Ana é uma mulher negra e muito sorridente, que estava de sandálias havaianas e uma roupa de alguém que estava em casa. Ao atravessarmos a rua, ela nos cumprimentou apenas com o aperto de mão, não sei se pela falta de intimidade ou pelo fato de nós três estarmos banhados de suor devido ao forte calor. Subimos uma rua enquanto conversávamos sobre diversos assunto, porém, logo no começo ela nos havia dito: *“Eu olhei pra vocês e já logo vi que vocês tinham cara de... de... intelectuais.”*

Na medida em que subimos a rua, me dei conta de que aquela se tratava da mesma rua pela qual nós havíamos transitado na visita anterior. Esta rua representa a divisa entre a comunidade e o bairro vizinho. Assim como na visita passada, eu não notava diferença nenhuma entre as casas de um lado da rua e do outro. Nós, então, entramos em uma viela e começamos a descer por entre diversas portas. A viela era muito grande em extensão, o chão dela, todo coberto com cimento, possuía alguns ralos com grades indicando que o esgoto passava por ali. Não visualizei nenhum esgoto a céu aberto. Havia muitas pessoas nas portas das casas que nos olhavam de forma um tanto quanto desconfiada, muitas delas eram senhoras. Ao chegarmos na porta da casa de Ana, ela disse. *“Esta aqui é minha residência”* Havia um muro de concreto e um pequeno portão que estava fechado, porém sem nenhum cadeado ou coisa do tipo. Qualquer um podia abri-lo. Subimos uma escada e então eu percebi que o vizinho da casa do lado estava na porta. Ana disse *“Oi, vizinho!”* e então, com uma chave, abriu a porta de sua casa.

A CASA

Ao lado esquerdo da porta havia um cartaz escrito. *“Promoção de 30% para todos os produtos do estoque PARA PAGAMENTOS À VISTA.”* O cartaz, além de indicar que o comércio era uma das atividades de Ana, também indicava que a porta de sua casa era visível para todo que passavam pela viela. Ao abrir a porta, ela nos convidou para entrar pediu que não reparássemos a bagunça. Entramos na sala, um cômodo que, apesar de pequeno, possuía um sofá de dois lugares virado para a porta, uma televisão de tubo,

dois armários e uma estante com muitas revistas de criança. As paredes estavam todas pintadas de amarelo e com um efeito de relevo craqueado. Ela então disse que era revendedora da Natura e que aqueles armários eram seu estoque de produtos que estava na promoção. Havia quatro gatos pela sala, dos quais três deles eram menores e uma maior, que se tratava da mãe. Ela nos convidou para bebermos água.

E fomos então até o próximo cômodo. A cozinha era um pouco maior que a sala. Havia uma pia com alguns utensílios no corredor de louças, uma geladeira, um fogão e um micro-ondas. Ao canto, uma escada levava ao andar de cima. Tanto o piso quanto as paredes estavam completamente azulejados. Ana então nos convidou para subir e conhecer o quarto. No andar de cima havia uma porta que levava ao banheiro e outra que levava à sacada. O quarto era o maior cômodo da casa e tomava a área equivalente aos cômodos da sala e da cozinha juntos. Ela, então, afirmou que um de seus filhos estava dormindo no chão porque o terceiro andar da cama havia quebrado. Saímos à sacada e nos deparamos com a vista de um dos pontos mais altos da Vila Nova Jaguaré. De lá, era possível ver o Parque Villa Lobos, todo o CEAGESP e até mesmo a Raia Olímpica da USP. Ana afirmou que ela ser a mais fofoqueira do bairro porque de lá dava pra ver todas as casas. De fato era possível se ver muita coisa, inclusive o que se passava dentro de muitas casas. Ela, então, nos convidou para descermos e iniciarmos a nossa conversa. Eu e o José nos sentamos no sofá enquanto ela foi pegar uma cadeira para sentar na cozinha.

A RELAÇÃO COM O BAIRRO E A EDUCAÇÃO DOS FILHOS

A conversa se iniciou com a pergunta de Ana se nós tínhamos algum questionário para aplicar nela ou algo do tipo. Nós dissemos que não, e que a nossa pesquisa se tratava de ouvir um pouco a história dela, a sua relação com o bairro e as dificuldades que ela enfrentava por ali. A sua expressão facial evidenciou que ela não estava esperando por aquilo e ela, então, começou a contar um pouco sobre sua relação com o bairro.

Ana afirmou que havia alguns problemas com os vizinhos, especialmente os lixos que eles deixavam nas portas dos outros. Ela afirmou que falta muito senso de comunidade e que ela sempre buscava ao máximo tentar manter certa distância das pessoas do bairro. Segundo ela, era muito difícil criar os filhos por lá devido à influência dos vizinhos.

Logo na esquina da casa dela havia um ponto de venda de drogas e as crianças viam as pessoas passando por lá. “Meus filhos vêem os caras passando por aqui com um tênis de mil reais no pé. Aí eu tenho que explicar pros meus filhos que essas pessoas não conseguiram aquilo trabalhando, foi roubando e matando outras pessoas.” Ela disse que gostava de “falar a real” para os filhos dela. “Não dá para ficar inventando histórias ou tentando esconder nada Está tudo aqui na nossa frente.” Ela seguiu contando que certo dia, alguns vizinhos da frente estavam usando drogas e o cheiro vinha até a sua casa. Durante o dia, muitas motos eram estacionadas na viela. À noite, todas elas sumiam. “Pra onde será que elas vão? Pra fazer roubo, né? A polícia aparece de vez em quando, bate em todo mundo, finge que faz alguma coisa, leva uns presos, mas depois de uns dias estão todos aqui de novo.

Ana disse que tem gente que diz ter orgulho de conhecer “os chefes” do ponto de drogas e os chama para resolver seus conflitos. Em contrapartida, ela nunca se envolveu com eles e acha que é a melhor coisa que ela pode fazer. Como a polícia não é muito atuante em atender os moradores, o melhor jeito de não depender “dos chefes da bocada” é criar o mínimo de conflito possível. “O melhor que a gente pode fazer é viver em paz com as outras pessoas e não criar encrenca com os vizinhos.”

Ela disse que não deixava seus filhos se enraizarem muito no bairro e que sempre buscava algum tipo de atividade fora de lá. “Eu levo eles no Villa-Lobos, em algum lugar fora daqui.” Ela também reclama muito das músicas de funk. Acho uma péssima influência para eles! Acho que... que adianta muito as coisas!” Ela também afirmou que fez questão de colocar seus filhos em uma escola fora da comunidade e pagar trezentos reais de perua escolar, cento e cinquenta de cada um, para leva-los.

Eu perguntei, então, se ela notou alguma diferença entre quando ela chegou aqui e hoje em dia. Ela disse que sim e que agora estava bem melhor. Com a regularização das casas, muitas pessoas se mudaram de lá e muitas pessoas passaram a investir mais no local. O bairro da Vila Nova Jaguaré é um bairro muito valorizado por conta de sua localização. Um aluguel ali permeia os seiscentos reais, segundo Ana. “Eu mesma, deixo a minha casa sempre bonita, com azulejo e pintura porque é um investimento. Eu estou pensando em vender aqui algum dia e voltar para Bahia.” Sua casa valeria cerca de setenta mil reais.

Nós então perguntamos como era sua vida na Bahia. Ela, então passou a contar um pouco sobre sua trajetória de vida.

DA BAHIA À SALA DE AULA

“Lá na Bahia não era assim, não. Eu morava em uma casa grande com onze cômodos. A gente chega em São Paulo achando que aqui é o paraíso e se depara com uma realidade bastante difícil.” Foi assim que Ana começou a contar sobre sua vida. Ela é natural de uma cidade próxima a Feira de Santana, na zona da mata baiana e Ana veio para São Paulo em 2000 para cuidar de sua irmã, que estava aqui desde 1990 e passava por problemas de saúde. Após melhorar a irmã pediu que Ana ficasse para ajuda-la cuidar de seu filho. Ela então ficou e passou a trabalhar em uma creche, já possuía o magistério e já trabalhara com educação na sua cidade natal. Para complementar a renda, passou a fazer faxinas no contra-turno de seu trabalho e conseguiu economizar dinheiro para comprar a casa onde mora atualmente. Depois de um tempo, buscou voltar a estudar e iniciou sua graduação em letras em uma universidade particular com o auxílio do FIES (Programa de Financiamento Estudantil oferecido pelo Governo Federal). Ela disse que se arrependeu muito pois demorou o dobro do tempo do curso para conseguir quitar a sua dívida. “E eles ainda pediam dois fiadores!” Ela disse que possui muita preocupação com coisas que envolvem o nome de outras pessoas “É porque eu tenho uma imagem a zelar. Eu até brinquei com o fiador que eu até me prostituiria, se fosse preciso, para não sujar o nome dele.”

Foi após terminar a faculdade que Ana passou a dar aulas de português para o ensino médio em uma escola perto da casa dela. “Eu ainda sou eventual, mas prestei o concurso no ano passado. Eu passei em 248 e espero que o concurso não caduque. Porque ele caduca depois de dois anos, não é?” Ela afirmou que vê muitos dos alunos dela passando pela sua rua para ir ao ponto de drogas. “Alguns deles são até aviõezinhos aí!”

Ana interrompeu a conversa e foi até a cozinha. Perguntou de lá se nós tomávamos cerveja. O José afirmou que não queria. Após relutar um pouco, acabei aceitando. Ela então voltou com uma lata de cerveja e um copo de suco para o José. “Espero que a cerveja esteja gelada. Ela está aí já faz algum tempo porque eu não bebo.” Achei curioso o fato de ela ter cerveja na geladeira, apesar de não beber e morar apenas com os filhos.

Ana voltou a contar sobre sua chegada a São Paulo e afirmou que sua adaptação fora muito difícil, e que até hoje não se sente muito confortável com a vida que leva. Ela afirmou que tem vergonha de receber os parentes da Bahia em casa, pois todos estavam muito bem por lá. A maioria estava em situações muito melhores do que a sua. Eu então perguntei se ela está planejando voltar à Bahia. Ela disse que antes tinha esta como uma meta mais concreta, “mas São Paulo também tem muito mais oportunidades, principalmente de estudo para meus filhos. Se eu tivesse alguma coisa mais garantida para lá, como passar em um concurso, eu até iria para lá!”

Ela então se levantou da sala e nos chamou para ir até a cozinha. Abriu o congelador e disse. “Vocês preferem açaí ou sorvete?” Nós relutamos em responder ao que ela afirmou. “Não tem problema não, gente! Aqui não tem frescura!” Eu e o José, então, pegamos um pouco de açaí. Começamos a falar sobre o calor e falta de água em São Paulo.

O OLHAR

Enquanto comíamos açaí, Ana perguntou se ainda havia mais alguma coisa que nós quiséssemos saber. Eu então perguntei sobre o que ela achava que poderia ser feito para melhorar a vida dela e dos outros moradores. Ela então respondeu:

Sinceramente? Eu acho que o olhar das pessoas com a gente! Da polícia... Do poder público... Porque coisas físicas de infra-estrutura a gente conserta, arruma, constrói de novo, agora o olhar das pessoas, esse é muito difícil!

Ela, então passou a falar sobre as dificuldades que ela sentia com relação ao modo como as pessoas e as instituições olham para quem mora na comunidade. “É muito difícil, as pessoas já te olham diferente. Elas não entendem que o pessoal que mora na

favela é igual e qualquer um. Tem fogão em casa, geladeira, micro-ondas (falava apontando para os objetos). Até na escola, os alunos olham diferente a professora que mora na comunidade da professora que sai de lá com um carrão.”

Ela começou a falar da relação entre ela e os alunos. Em um discurso bastante enfático, afirmou:

Por que alguns alunos meus querem tanto ter um tênis de mil reais? Tem aluno meu que tem celular maior que isto aqui, ó [aponta para uma garrafa de água]. Eles fazem isto porque eles acham que as pessoas vão olhar para eles de um jeito diferente porque eles têm tudo isso, mas é uma ilusão! Eles acham que o *ter* é mais importante que o *ser*, e não é. Não adianta eles estarem nadando no dinheiro se eles foram criados aqui. Eles não falam igual gente rica, não tem as mesmas maneiras... Até o jeito de andar é diferente.

Ela então virou para o José e disse que ele tinha um pouco mais de cara de nordestino e que ele teria menos chances de ser assaltado do que eu, que tinha cara de paulistano. “Eu tenho cara de paulistano?” afirmei a ela, que respondeu: “É que você tem mais jeito de...como eu posso dizer... de boyzinho!”. Nós demos risada e eu pensei que talvez fosse a isto que ela estava se referindo quando disse que nos reconheceu em frente à praça porque nós tínhamos “cara de intelectuais.”

Segundo ela, as pessoas acabam tratando todos que moram nas comunidades do mesmo modo, o que não deveria acontecer pois “há muita gente correta, gente trabalhadora morando na favela também, e não só bandido.”

Ela também mencionou que um de seus filhos já foi alvo de apelidos relacionados à cor de sua pele. Ela sempre dia a ele que ele deve reclamar e não deixar que as pessoas caçoem dele, mas jamais deve ter vergonha de sua cor. “Eu sempre falo para ele. Você é negro e deve ter muito orgulho disto!”. Ela disse que não tem nenhuma vergonha nem de sua cor, nem de sua origem, mas que já sofreu por conta de ser nordestina. “Tem gente que já me perguntou como eu consigo dar aula de português com o sotaque.” Ela disse que considerou isto como uma forma sutil de preconceito.

Neste momento, seus filhos chegaram em casa. Eles estavam na casa do pai, que também mora na comunidade. Eles estranharam a nossa presença e perguntaram para

Ana se eles poderiam jogar bola. Ela relutou, mas eles continuaram insistindo até que ela deixasse.

Nós nos despedimos. E pegamos nossas coisas. Ela ofereceu água gelada para que enchêssemos nossas garrafas, já que havíamos comentado que voltaríamos a pé para casa. Ela também se ofereceu para nos levar até a Paróquia onde nos encontramos.

CONCLUSÃO: AS DEMANDAS LEVANTADAS

Dentre toda a experiência, pude perceber diversas demandas que Ana evidenciou em seu discurso:

- A questão da relação dos filhos com a região, que talvez esteja indicando a **ausência de estruturas de lazer** próximas à comunidade para as crianças;
- **O lixo**, a convivência com os vizinhos e a **resolução de conflitos** que, quando existe, é feita somente através do auxílio dos chefes da bocada;
- **O olhar** das pessoas sobre os moradores de lá. Talvez seja a demanda mais complicada de se tratar, porque envolve preconceito e discriminação;
- **A relação da polícia com a região** e o modo, por vezes truculento e subjulgador de lidar com os moradores.

Através destes levantamentos, poderemos constituir nosso trabalho final acerca destas demandas e buscar estratégias para intervir em alguma delas.